

Paris, 75005



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FLH0423 - A Escola no Mundo Contemporâneo
Prof.^a Zilda Iokoi

Paris, 75005

Ana Saad Corrêa	- nº USP: 4355059
Bruno Campos Conrado	- nº USP: 6839160
Carina Regina P. Prado	- nº USP: 6838919
Luísa Barbosa S. Lima	- nº USP: 7198373
Maria Aline F. de Camargo	- nº USP: 7198481
Thamara Emília A. Nunes	- nº USP: 7198498
Tathiana Madja	- nº USP: 7198891

Introdução

O jovem estudante de história consegue se perceber como um ator ante os acontecimentos históricos ou permanece como um receptor de informações em sala de aula?

Na busca por instigar o jovem aluno de história a ser receptor de informações, fatos, dados (e, portanto, mais vulnerável aos interesses daqueles que produzem estes elementos) propomos aqui um breve conto ficcional que pretende evidenciar o papel ativo e moldador dos acontecimentos do jovem no mundo em que ele vive.

A partir de uma conjuntura e momento histórico marcados pelo aspecto revolucionário e, especialmente, pela tomada de consciência do jovem do seu papel como

formador da realidade, construímos uma narrativa que pretende instigar em outro jovem, o leitor, os elementos necessários para permitir a ele assumir uma posição de ator em sua realidade, e assim também de construtor dos acontecimentos.

Assim escolhemos os eventos na Paris de Maio de 68 como o cenário para o desenrolar dos acontecimentos que vão levar nossa personagem principal, Fernand, a se perceber como um agente do processo histórico. Para tanto, optamos por utilizar em contraposição eventos que nos permitem evidenciar a vulnerabilidade daqueles que se colocam como espectadores deste processo, passivos diante daquilo que acontece ao seu redor. Com este intuito, abordamos aspectos do Império Brasileiro e da Alemanha Nazista, momentos em que identificamos

elementos que nos permitem traçar um retrato das consequências e impactos da passividade na formação do jovem. Mais especificamente, nos focamos na figura de D. Pedro II e nas características que marcaram tanto sua formação quanto sua ascensão ao trono, buscando evidenciar o caráter direcionado deste processo. No caso da Alemanha Nazista, optamos por um enfoque na Juventude Hitlerista, destacando a maneira como o jogo entre informação, conhecimento e aprendizagem, em um cenário de passividade dos jovens, permite a formação de pessoas com as características que se deseja, evidenciando a importância que assume a tomada de consciência do jovem ante os fatos históricos.

Os personagens, com exceção de Daniel Cohn-Bendit, bem como o documento nazista, são fictícios. Mas

a conjuntura na qual se inserem é a mesma de Maio de 68, assim como os acontecimentos nos quais os personagens tomam parte. Sendo assim, propomos um conto que assume papel de material didático na medida em que aborda elementos da conjuntura histórica que nos permitem debater o elemento estrutural do papel do jovem na história.

Divirtam-se!

Capítulo 1

28 de março de 1968

28 de março de 1968, 1h da tarde, Quinta-feira.

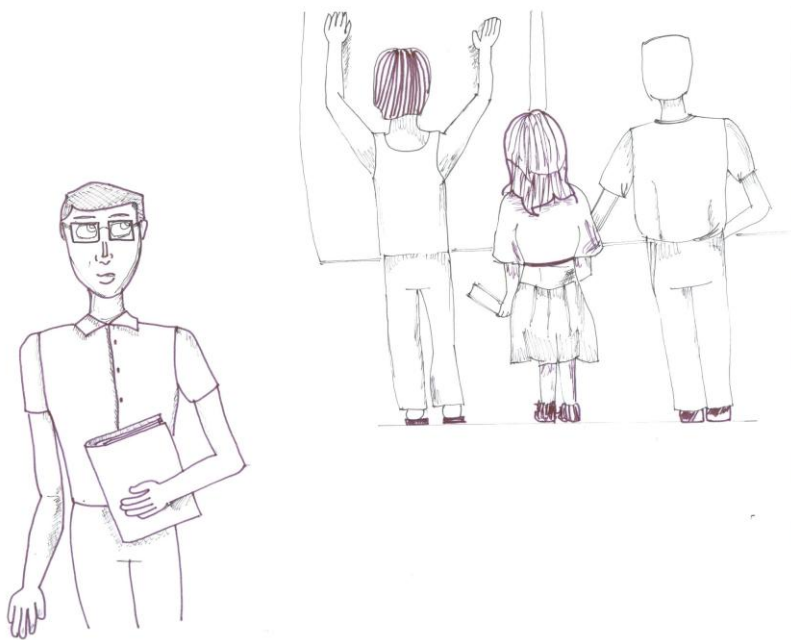
Enquanto anda pelas ruas de Paris, Fernand passa pelos muros da região de *Quartier Latin* a caminho do prédio da Sorbonne da Universidade de Paris, onde estuda História. Nesses muros, estão algumas inscrições recentes, todas grafitadas por estudantes da região que passa por um de seus períodos mais conturbados. Pelo que ele ouvira, a agitação começara há algum tempo em Nanterre,

outro prédio da Universidade, quando 6 alunos foram presos por protestar contra a posição do governo francês em relação à Guerra no Vietnã. Então, aparentemente, uma centena de alunos havia invadido a universidade em Nanterre na última sexta-feira e Fernand se perguntava o que seria da sua faculdade a seguir.

Os grafites nos muros eram diversos e “*Abaixo à Universidade*” parecia ser o que tinha mais adeptos. Enquanto virava à esquina na *Rue des Écoles*, já havia lido pelo menos 3 vezes aquela frase. Estranhava-a. O que seria dos alunos sem as universidades, ele se perguntava. Não entendia os motivos de tais protestos, não concordava com as

invasões e principalmente, não conseguia relacionar a Guerra do Vietnã com nenhum desses fatores.

Ao chegar ao prédio da Sorbonne viu uma movimentação intensa pelos corredores. Pessoas passando de um lado para o outro, cartazes sendo pintados e panfletos sendo distribuídos. "Quando a Assembléia Nacional se transforma em um teatro burguês, todos os teatros da burguesia devem se transformar em Assembléias Nacionais", dizia um panfleto que lhe fora entregue por uma menina sorridente demais para o seu gosto.



Fernand começava a sentir certa seriedade nos eventos ao seu redor, mas com certeza ainda não os compreendia em sua totalidade. Havia um semestre para terminar, mal começara sua pesquisa e esse

turbilhão de acontecimentos lhe atrapalharia, sem dúvida. Afinal, as aulas em Nanterre haviam sido canceladas aquela manhã, como lhe informara sua namorada que estudava lá, e ele sabia que não tardaria para essas agitações atingissem Sorbonne.

Sendo assim, resolveu procurar a professora que lhe auxiliava em sua pesquisa recém-iniciada sobre História do Brasil. Tinha uma bibliografia inicial e precisava que fosse avaliada. Após procurá-la na sala de aula, procurou no corredor de salas dos professores a porta com o nome “Helena Gonzaga”, bateu e foi recebido com um sorriso não costumeiro.

– Sente-se, sente-se. Falo com você em um instante. – disse a professora enquanto arrumava alguns livros na prateleira – Ainda não consegui colocar tudo em ordem.

Enquanto esperava para ser atendido, Fernand esquadrihava a sala. Era uma sala ligeiramente apertada, com estantes dos dois lados, algumas caixas de papelão ainda se encontravam semi-abertas no chão, sinal da recente mudança da professora. Na parede principal, atrás da escrivaninha também bagunçada, um quadro. Ao desencaixotar uma pilha de livros, a professora sentou-se à mesa e perguntou:



– Finalmente terminei. Em que posso lhe ser útil?

– Trouxe-lhe a bibliografia para que a senhora possa avaliar.

Fernand entregou a bibliografia à professora e enquanto ela analisava sua extensa lista de livros e fontes, não se conteve e teve que perguntar:

– Professora, se não for atrevimento meu perguntar, quem é aquele bebê no quadro? Pensei que a senhora não tivesse filhos! – perguntou o jovem, intrigado com o quadro que vira. Nele, havia um bebê sorrindo ao lado de um pequeno tambor.

– O nome dele é Pedro Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, mas não temos parentesco direto! - Brincou a professora.

Fernand riu e olhou para a professora sem entender nada:

– Quantos nomes! Quem é ele?

– Mais conhecido como D. Pedro II, o infante retratado, pode nos proporcionar uma reflexão bastante útil para o momento que estamos vivendo. Eu conto a história dele e deixo que você reflita sobre isso...

– Então ele foi Imperador do Brasil?

– Exatamente! Pedro II desde o dia de seu nascimento teve sobre os ombros o peso do papel de Imperador. O país não estava nada satisfeito com seu pai, o então Imperador, Pedro I, no que dizia respeito ao seu modo de governar ou mesmo à sua vida pessoal.

Leopoldina, mãe de Pedro II, morreu pouco tempo depois de seu aniversário de 1 ano. Lenda ou não, diz-se que a causa de sua morte foi o desgosto devido a todos os casos amorosos em que seu esposo estava envolvido, além de maus tratos, ainda que oficialmente ela tenha morrido em decorrência de um parto prematuro.

O descontentamento com D. Pedro I, fez com que Pedro II, logo ao nascer, fosse visto como o "príncipe-herdeiro de todas as esperanças nacionais, ou pelo menos da elite", assim "O Imperador vinha ao mundo antes do menino", era quase uma propriedade do país. Nos jornais da época de sua coroação liam-se manchetes como: "*O inocente menino imperador,*

sustentado pelo Amor e Honra dos Brasileiros" ou "*O imperador órfão, filho querido da nação*". O fato é que em decorrência da situação de insatisfação quase que generalizada no país, Pedro II, teve toda a sua educação voltada para ser uma pessoa diferente de seu pai. Assim, seguia uma rotina rígida que o mantinha afastado de seus súditos, e longe de festas. Tudo isso para ser um melhor Imperador, e é bom lembrar aqui, que esse melhor significa "que pudesse pensar e agir a favor dos interesses nacionais, que eram em muitos aspectos ditados pela elite".

– Mas o que deixou o povo brasileiro tão descontente a ponto de depositar suas esperanças numa criança que acabara de nascer?

– D. Pedro I, foi um dos agentes da Independência do Brasil, de 7 de setembro de 1822, e se tornou o primeiro Imperador do país.

O primeiro grande debate político no Brasil após a Independência girou em torno da aprovação de uma Constituição, “documento” que representava um avanço ao organizar os poderes, definir atribuições e garantir direitos individuais. Um fato interessante é que as eleições para a assembléia constituinte iniciaram antes mesmo do 7 de setembro.

Não demorou muito para começar a surgir desavenças entre a assembléia e Pedro I no que diz respeito às atribuições do Poder Executivo, no caso o do Imperador, e do Legislativo, relativo aos

deputados: estes queriam impor limites ao poder do Imperador, não queriam ver suas leis sendo vetadas e a Câmara dos deputados sendo dissolvida pelo imperador.

D. Pedro e aqueles que o apoiavam queriam um Executivo forte, que garantisse a união da nova nação, justificando assim a concentração de poder nas mãos do Imperador. A disputa entre essas duas tendências, chamadas de “liberais” e “conservadores”, chegou a tal ponto que D. Pedro, com o apoio de sua tropa acabou com a assembléia. Vários deputados foram presos, inclusive José Bonifácio de Andrada, um dos “líderes” do processo de Independência e que esteve nos primeiros meses ao lado de D. Pedro.

O resultado foi que, em 25 de março de 1824, foi promulgado um texto constitucional, em que a grande diferença em relação ao texto anterior era a criação do Poder Moderador, um 4º poder ao qual se submetem todos os outros, deixando os outros três poderes a mercê da vontade imperial. É importante, pois, ressaltar que a 1ª Constituição brasileira nascia de cima para baixo, imposta pelo Imperador.

Dissolver a assembléia e decretar a Constituição simbolizava o predomínio do Imperador e dos burocratas e comerciantes, que eram em sua maioria portugueses, de modo que, ideias republicanas, antiportuguesas e federalistas começaram a ganhar força pelo império.

Uma das consequências foi uma rebelião que uniu quase todo o Nordeste brasileiro, ou seja, boa parte do país, que culminou na proclamação da Confederação do Equador em 02 de julho de 1824. Revolução de caráter urbano e popular, a confederação não resistiu à força imperial e, por fim, sucumbiu em Novembro de 1824. Recife, no Nordeste, até 1848, continuou sendo um centro irradiador de muitas insatisfações da região contra a monarquia.

E, pra piorar a situação, outros eventos como uma guerra contra Buenos Aires, a consequente queda dos preços dos produtos exportados como o algodão, couro e cacau, a diminuição dos impostos cobrados nos produtos importados também abalaram o império, aprofundando os conflitos entre portugueses e brasileiros. Somado a isso existia,

também, o sentimento de que D. Pedro tentaria voltar à época do Reino Unido de Brasil e Portugal, ainda mais depois da morte de seu pai, D. João VI, morreu em 1826, destacando o problema da sucessão do trono em Portugal, uma vez que D. Pedro I, mesmo estando no Brasil, era herdeiro do trono português.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, capital do Império, em março de 1831, o Imperador não foi bem recebido pela população e nem por seu próprio exército. Depois de vários protestos ele foi forçado a abdicar do trono brasileiro em favor de seu filho. Foi nesse contexto de insatisfação que D. Pedro II entrou nessa história, o “grande problema” era que ele tinha apenas 5 anos!

– Agora entendi porque ele precisava ser o contrário de seu pai, mas é uma pena que por causa disso ele não possa ter tido uma educação tão rígida.

– Sua educação teve que ser planejada para que ele cumprisse o papel de monarca unificador da nação, sendo um homem de letras e uma pessoa com grandes habilidades políticas e totalmente dedicado ao Brasil. Era preciso, por exemplo, mantê-lo afastado das ideias republicanas que avançavam pela Europa e América. Embora Pedro I tivesse deixado como instruções para que seu filho fosse educado para a Era Industrial, ou seja, para a modernidade, como seus tutores eram na maioria das vezes estrangeiros e mestres do tempo de D. João VI, foi educado com

conceitos de moral fundamentados em concepções do século anterior, (tudo pelo *status quo*). Temia-se uma República.



D. Pedro II estava convicto do papel histórico que desempenharia, por isso entregou-se de corpo e alma ao aprendizado da arte de governar. Iria assumir o trono aos 18 anos, entretanto em 23 de julho de 1840, com 14 anos, por força da elite passou a exercer o papel de Imperador, no que ficou conhecido como “Golpe da Maioridade”. Foi assim: tentou-se colocar em votação uma mudança na lei de maioridade para que Pedro II pudesse assumir antes o posto de Imperador, porém, buscando evitar atitudes radicais, tal possibilidade foi rechaçada. Para essa antecipação havia duas possibilidades: um golpe militar ou um golpe da minoria parlamentar: a primeira era impossível pela falta de apoio da tropa, já a

segunda foi mesmo descartada. Então, numa outra tentativa, uma comitiva se dirigiu até Sua Majestade e lhe pediu que assumisse de imediato suas funções. Após ouvir a comissão e o conselho de algumas pessoas, D. Pedro II aceitou o que lhe era sugerido. Soube lidar com a elasticidade que tinha o Poder Moderador e, por fim, seu governo se deu na medida certa dos interesses das camadas mais poderosas do país.

Fernand estava chocado. Era claro que a realeza de qualquer país era formada com um papel previamente pensado, mas ele nunca refletira sobre esse ponto de vista exposto pela professora. Um jovem que perdeu toda a sua juventude em nome de

um bem que ele mal conhecia ou acreditava. Helena havia notado o impacto que causara no aluno e parecia ter gostado do resultado. Ela então retomou a avaliação sobre a bibliografia:

- Muito boa a sua escolha bibliográfica. Quanto à atual situação da Universidade, prevejo que teremos problemas. E claro, mais importantes do que a entrega de um ou outro trabalho. De qualquer maneira, apareça novamente na minha sala quando tiver mais alguma coisa desenvolvida. Até então, aparentemente, temos uma situação muito mais frágil para lidarmos. – enquanto ela falava, o aluno sentia que havia alguma coisa na entrelinha dessa “situação

frágil” a qual a professora se referia, mas ele não conseguia captar o que poderia ser.

- Bem, boa tarde – concluiu Helena, voltando sua atenção para outra caixa semi-aberta atrás de sua escrivaninha.

Fernand saiu da sala e pensou o que poderia fazer. Talvez o aviso da professora fosse no sentido de agilizá-lo para a entrega da pesquisa, antes que a dita “situação mais frágil” se despedaçasse de vez. Seguindo essa lógica se dirigiu até a biblioteca para continuar sua pesquisa. Não conseguia parar de pensar no que acabara de escutar.

“Toda a educação de Pedro II foi para que ele se tornasse uma pessoa bem diferente de seu pai,

tanto no aspecto político, como no pessoal, ele não pode escolher quem seria, o que faria e como faria. Ideias e valores lhe foram inculcados, para que ele se tornasse o que os outros gostariam que ele fosse”.

Capítulo 2

A juventude em Paris

Ao final do dia, tivera a chance de encontrar sua namorada, Sophie Veron, que era muito bem humorada e se empolgava fácil com qualquer coisa que fosse lhe trazer alguma mudança. E a efervescência do movimento a animava como nada mais conseguiria. Não por menos, cursava Ciências Sociais e era colega de classe e amiga de Daniel Cohn-Bendit, ninguém menos do que o líder da invasão de Nanterre.

Os três se encontravam sentados na mesa de um bar na região de Quartier Latin, onde que à noite ficava repleto de jovens ativos no movimento, jovens interessados em entender o que estava acontecendo ou simplesmente a fim de se desligar um pouco das pressões do mundo. O bar era simples e parecia transpirar a essência da juventude. Todos ali pareciam, e certamente eram, diferentes um do outro, mas estavam sintonizados, como se dançassem ao som da mesma melodia – ainda que os solos de Jimmy Hendrix estivessem sendo abafados pelas conversas. E, apesar da pluralidade dos grupos, o assunto em quase todas as mesas seguia o mesmo

tópico. E com estes três jovens, sentados nas mesas dispostas na calçada, não era diferente:

- Sério, cara! Ação direta! – falava Daniel, exaltado pelo calor da discussão e pela cerveja.

- Sim, eu entendo que você defenda a ocupação, mas existem outros meios, não? – questionava Fernand.

- Todos os meios levam ao mesmo fim. Às possibilidades limitadas. A gente quer mais, a gente precisa de mais!

- Isso! Mais! Ei! Mais alto o volume dessa música! – pedia Sophie, empolgada com a discussão que assistia e que, no momento, ignorava para prestar atenção na letra da música. – Adoro essa parte!

- Exatamente! – concluía Daniel – É se relacionar a todas as coisas ao mesmo tempo e não depender de nenhuma delas. Sejam realistas, desejemos o impossível!

Fernand riu com a ironia e a grandeza da frase. Tinha a lido em um muro a poucos metros do bar e não precisava perguntar para saber quem a havia escrito.

- WE GOTTA LIVE TOGETHER!!! – cantou Sophie junto com o disco de Hendrix, interrompendo o raciocínio de Fernand e deitando a cabeça na mesa, como uma performance enquanto cantava. Daniel foi no embalo da garota, cantando também em um dueto alegre e desafinado, abraçados. O namorado ria. Não

se incomodava. Talvez juventude fosse isso, cantar um clássico com desafinação e alegria num bar lotado.

Já em casa, refletia sobre esse longo e peculiar dia. Evidentemente, tudo que a professora lhe ensinara estava rondando na sua cabeça como um quebra-cabeça que ele precisava desmontar e remontar para fazer algum sentido. Afinal, ela havia lhe dito que poderia ser bastante útil para o momento em que se encontravam. Porém era difícil vislumbrar de que maneira a história de um monarca relacionava-se com uma rebelião estudantil, começada por causa da Guerra do Vietnã. Ele procurava os pontos em comum, mas cada vez fazia menos sentido.

Capítulo 3

Um mês depois

Um mês se passou em uma velocidade inacreditável e já estavam no começo de Maio. Fernand continuava em contato direto com Daniel e assim se mantinha atualizado das novidades. Os muros da região quase não tinham mais espaços vazios. Toda a diversidade de expressões de sentimentos e ideologias estavam naquelas paredes.

Na manhã do dia 2 de Maio, Fernand recebe um telefonema de Sophie, dizendo-lhe que as aulas haviam sido novamente suspensas. Os motivos, ele

não entendera direito. Porém, mais uma vez ele se viu impelido a falar com sua professora. Não a havia visto desde o dia em que ele conhecera a história de D. Pedro II.

Havia feito alguns avanços em sua pesquisa e, principalmente, no seu entendimento sobre a movimentação dos jovens franceses e estava disposto a questionar a importância que a professora dava para tais fatos. A situação se agravara bastante nesse último mês e a professora meio que havia previsto isso em seu contato anterior.

Ao chegar à sala da professora, encontrou a porta entreaberta. Bateu duas vezes enquanto esgueirava a cabeça para dentro da sala,

encontrando-a vazia. O lugar estava visivelmente mais bem arrumado. As estantes tinham seus livros no lugar e a escrivaninha, praticamente vazia. Exceto por uma máquina de escrever e um papel amarelado sobre a mesa. Sendo a sala estreita como era, com um pé adiante o jovem já estava próximo à escrivaninha e então pode vislumbrar que o papel escurecido era um manuscrito. A curiosidade o instigou e Fernand pode reconhecer o idioma em que estava o texto: era alemão. Na máquina de escrever ao lado, um papel pendurado mostrava um trabalho aparentemente recente e pôde compreender que era uma tradução do documento ao seu lado. O que

poderia ser esse documento ele estava prestes a descobrir ao puxar a folha da máquina:



A cada dia no acampamento o forte treinamento e as palavras de nosso líder Wilhem, faziam com que

me esquecesse do dia em que me tornei um membro da Juventude Hitlerista. Na verdade, parece que sempre fui um jovem de Hitler, não me lembrava de nada que tivesse acontecido até aquele momento, aos meus 16 anos de vida, que não fosse o fortalecimento do ideal nazista e a minha total dedicação à pátria.

Sempre vivi de acordo com o que o governo de meu país estabelecia para a formação de cada cidadão, objetivando uma nação igualitária e soberana sobre as demais. Lembro-me de sentir que minha vida começou de verdade quando entrei em uma das escolas Adolf Hitler, com então cinco anos de idade. Nelas, o treinamento da liderança para a próxima

geração preocupava-se mais com o treinamento físico do que com o intelectual.

Nossos estudos eram voltados para a trajetória de nosso país na história e, principalmente quando atingíamos 10 anos, idade que permitia a nossa participação na Juventude Hitlerista, o destaque era dado à derrota da última guerra e a necessidade de renovação de uma sociedade estagnada, apoiada em falsos valores burgueses.

Não era a primeira vez que eu me encontrava reunido com membros da Juventude Hitlerista. A realização de reuniões e acampamentos era comum e, por muitas vezes, a melhor forma de treinamento. Entretanto, dessa vez foi diferente.

Estávamos ali para intensificar o preparo para a iminente guerra, e esse era o motivo norteador da reunião convocada para o final daquele dia, no qual percebi que finalmente poderia fazer a diferença e servir com lealdade ao meu Führer; ao meu país.

Esquecendo-me da fome, do frio e do cansaço, após um dia preenchido por exaustivos exercícios de tiro de fuzil, preparamo-nos para ouvir o discurso de Wilhem, que seria de encerramento das atividades, pois na madrugada partiríamos para as províncias orientais da Alemanha, onde inicialmente serviríamos de mensageiros em escolas que tinham sido transformadas em alojamentos do exército.

Wilhem nos levou a uma clareira nos arredores do acampamento. Estava bastante escuro e a noite estava fria. Ele mandou que vasculhássemos o entorno a procura de galhos para uma fogueira e logo começou seu discurso:

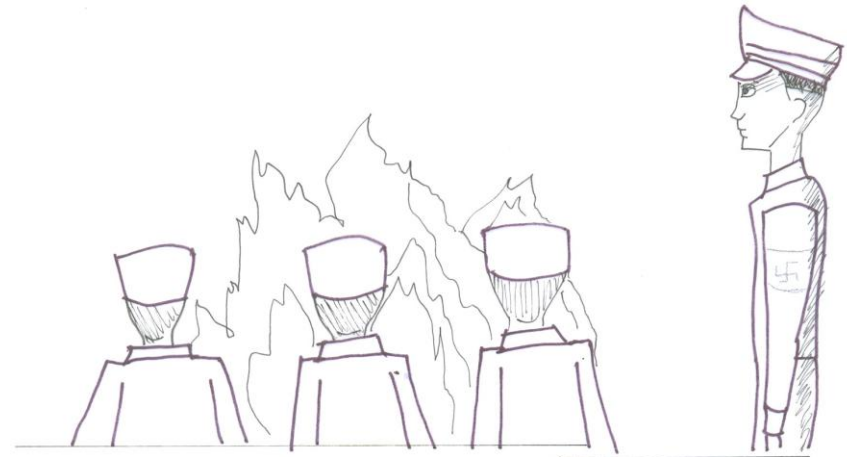
“Vocês precisam saber trabalhar com todo o material disponível, não há certezas ou facilidades no front”. Terminada a tarefa, nos colocamos em roda, para ouvir o direcionamento do líder. “Não há fortalecimento maior para a Alemanha que o crescimento da Juventude Hitlerista, grande orgulho do nosso Führer!”.

“Heil Hitler!”. Todos fizeram a saudação de pé, logo silenciando ao sinal do líder, que continuou: “E

essa força se dá pela certeza da grandiosidade de nossa pátria, nosso grande ideal dominará toda a Terra, livraremos o mundo das fraquezas e mazelas, um novo mundo se erguerá, espelhado no grande exemplo germânico! E para limpar o mundo dos exemplos errôneos, hoje usamos fogo para purificar”.

Então ele nos mostrou uma Bíblia, dizendo que a única fé necessária para nós, deveria ser depositada no Reich, e que aquele livro nada poderia nos acrescentar de verdadeiro. E lançou-o a chama. Em seguida, ordenou que todos preparassem suas coisas para partir o mais rápido possível; naquela noite tivemos apenas duas horas de descanso.

Agora imagino se cada um daqueles que me acompanhavam poderia saber o que os esperava. Durante a guerra alguns morreram, e outros se feriram gravemente. Enquanto eu estou aqui, capturado por inimigos de minha pátria, de meu Führer, que já não vive mais, e isso contribui para que minhas incertezas cresçam, meus questionamentos, que hoje brotam em pensamentos que nunca tivera. Indago-me sobre o que irá acontecer daqui em diante, como se agora, aos 22 anos eu começasse a ter que decidir o que vou ser, como vou agir, que futuro vou construir...



- Achou interessante? – Interrompeu a professora Helena, parada na porta, quando o jovem abaixou o papel na mesa.

- Ah... Perdão, professora. Eu vi o papel aqui em cima e me interessei pela aparência antiga e por ser outro idioma.

- Sem problemas, eu acabei de traduzi-lo. Essas páginas foram achadas numa busca em uma prisão soviética, anos depois de o lugar ter sido abandonado. Como estavam soltas, provavelmente foram arrancadas de um diário, mas pouco se sabe sobre sua origem. Nem mesmo o nome de quem as escreveu.

- Faria alguma diferença? – indagou o aluno.

- Como assim?

- Saber o nome de quem escreveu. Digo, está claro no documento que esse jovem era exatamente igual aos outros ao seu redor. Ele não opinava, ele não escolhia. Faria alguma diferença saber se ele era o jovem X ou Y?

- É uma boa pergunta. Muitos jovens nunca admitiram a forma como foram maltratados nem todo o mal que causaram, tamanho era o poder de Hitler sobre suas mentes. Esses jovens tiveram toda a sua força de juventude arrancada em prol de algo considerado “maior” escolhido pelos outros. Como a história que lhe contei da última vez. – concluiu a professora.

- Algo maior... Bem, andei pensando... É por isso que os jovens têm lutado aqui, não? Todos os protestos, todas as pichações. Mas alguma peça ainda falta para mim, não consigo entendê-los em sua totalidade.

- Mas não cabe a mim explicar-lhe. – disse-lhe num tom mais seco do que o costumeiro – Agora, pode deixar sobre a minha mesa o que você já concluiu até agora da sua pesquisa.

O aluno se retirou da sala atordoado com o que acabara de ler. Então era assim que era a mente de um jovem nazista? Ou melhor, o quanto havia de jovem dentro daquele nazista? Sentia que estava imerso demais para conseguir qualquer reflexão com algum resultado. Teria que esparecer. Como combinara de encontrar a namorada no final da tarde, rumou ao já conhecido bar.

- Não vai durar mais muito tempo – alarmava Cohn-Bendit – De Gaulle não vai deixar passar mais

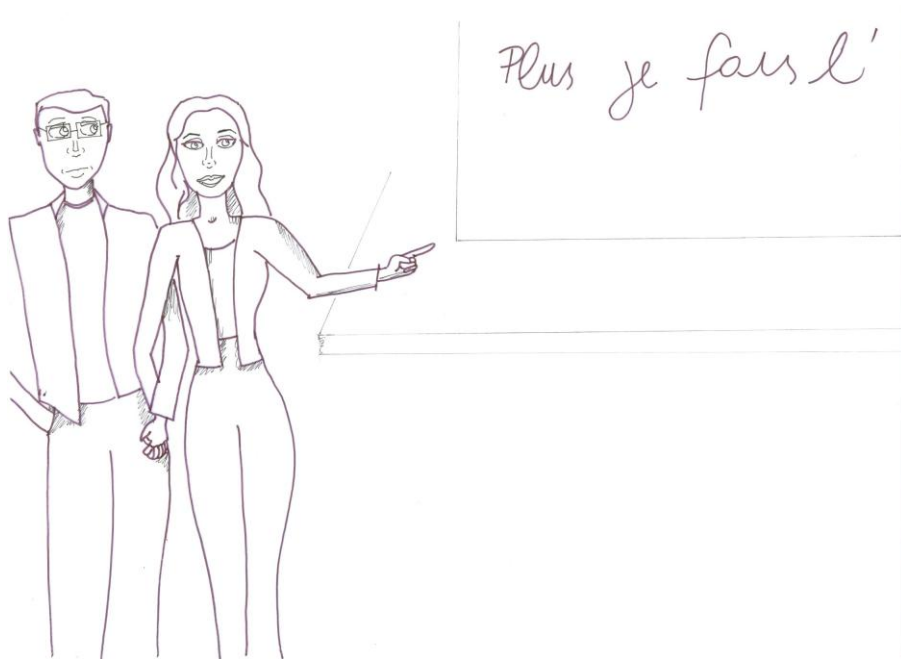
uma suspensão de aulas pela reitoria. Sinto que vai se desenrolar em breve.

- E o que a gente vai fazer? A gente vai fazer alguma coisa, certo? A gente tem que fazer alguma coisa! – Embora ainda animada, Sophie parecia apreensiva. Quase fora de si, sentia que precisava resolver todos os problemas ali, agora.

- Daniel saberá o que fazer, não se preocupe. – Fernand colocava fé no amigo, já o conhecia o suficiente.

- Claro que vai saber. – disse Sophie, sorrindo para o colega de classe, enquanto estava de mãos dadas com Fernand - "Quanto mais amor faço, mais

vontade tenho de fazer a revolução. Quanto mais revolução faço, maior vontade tenho de fazer amor", viu? – disse ela apontando para um grafite na parede da esquina do bar. – Eu que escrevi.



O namorado tentava entender a frase. Achar ali alguma resposta oculta, mas aí estava o tom da juventude de 1968 na França. Nada mais precisava ser oculto, estava tudo ali. Na cara. Fernand apertou a mão de Sophie, apreensivo. Temia o amanhã e todos os dias que estavam por vir. Com tanta confusão, sabia que mais cedo ou mais tarde, alguém iria fazer alguma bobagem. E quando isso acontecesse, as coisas ficariam feias. E De Gaulle seria forçado a fazer a única coisa que sabe fazer. O governante havia lidado com a situação usando de uma mão de ferro sem igual. E assim o faria.

Capítulo 4

3 de Maio

O dia 3 de maio ainda estava confuso na cabeça de Fernand. Os momentos lhe ocorriam completamente fragmentados. Lembrava que estava em aula na Sorbonne, mas não lembrava a matéria. Lembrava do batalhão de polícia invadindo a sala e berrando ordens de evacuação, mas não do rosto de nenhum policial. Lembrava da enorme turma se empurrando pelos corredores, mas não imaginava como tinha parado do lado de fora do prédio. Porém

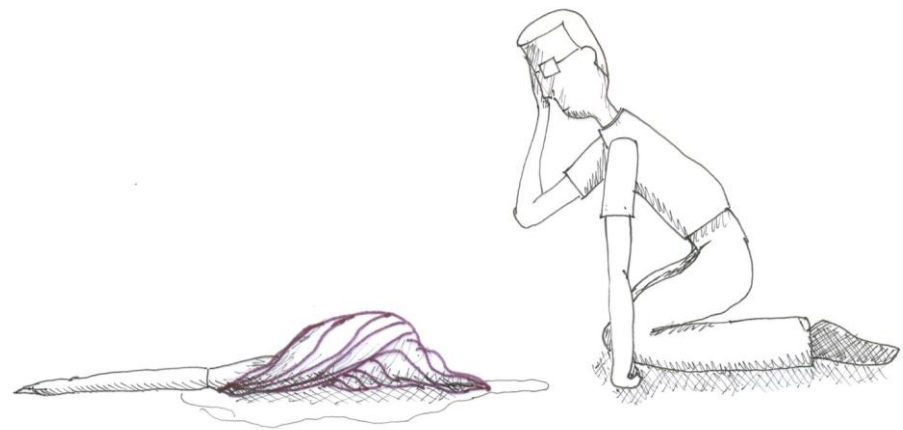
lembrava claramente do enorme número de policiais cercando o prédio, não duvidaria que toda a força policial de Paris estivesse ali. No meio da multidão, em posição de destaque, encontrou Daniel Cohn-Bendit e a seu lado, como era de se esperar, Sophie. Dessa vez, ela não estava animada, tampouco esboçava qualquer sorriso. Em lugar da animação, havia uma expressão até então desconhecida: ódio. Xingava e berrava a plenos pulmões: "Revolução, eu te amo" e Fernand pôde compreender o papel de sua namorada naquele número que presenciava e o que a movia, de fato.

Em meio à multidão, ele avistou Helena, já com uma placa na mão, se juntando aos manifestantes.

Aos poucos, compreendeu enfim que não ouvira ou lera nada a toa. Sua professora o preparara, o tirara da inércia. Não conhecia o passado dela, não sabia o quanto ela tinha se expressado quando jovem, mas naquele momento sabia que ela fazia também a sua parte, pois essa revolução já não era mais de estudantes. Estava na rua, estava aglomerada. E estava, evidentemente, fora de controle. Não tardou e a besteira que previra aconteceu. Um jovem saiu da multidão com um spray em uma mão e uma pedra em outra em direção de um policial. E a explosão se deu.

Fernand só consegue se lembrar que correu na direção de Sophie, mas não se lembra do momento preciso em que a perdeu de vista. Sua

figura simplesmente foi esmaecendo entre a multidão, entre os gritos, os choros, as bombas disparadas... No fim, somente ficou a imagem dela no chão, de lado, com sangue ao seu redor. Não tinha como tirar essa cena de sua mente. Lembrava-se com a mesma intensidade de suas primeiras lágrimas, que se juntaram a todo sangue ali derramado. Não só de Sophie, mas de dezenas de colegas também.



Capítulo 5

O Movimento de Maio de 1968

Os dias que se passaram foram conturbados. O jornal divulga o confronto, mas não cita o número de estudantes mortos. Algumas prisões haviam se dado ainda no dia 3. Dois dias depois, é divulgada a condenação de 13 estudantes e a revolta entre o grupo de líderes do movimento é geral. Fernand ainda não absorvera a morte de Sophie, mas a entendia. Ele havia previsto. E vê-la bradar de tal maneira a frente dos manifestantes, não tinha dúvidas de que havia

previsto certo. Mas o resultado doía bem mais que a apreensão.

O jovem estava a partir de então inteiramente integrado ao movimento, dormindo no quartel-general, que atualmente era a garagem de um dos estudantes de Sociologia que também estava na lista de manifestantes condenados.

Não havia mais um músculo de Fernand que duvidasse que ele deveria fazer parte daquilo, de corpo e alma. Tomaria para si a responsabilidade de libertar todos os jovens de padrões e convenções, por todos aqueles que – como ele aprendera com a Professora Helena – foram privados de fazê-lo.

Assim como Fernand, aos poucos os estudantes foram percebendo que não haveria empregos, depois que saíssem da universidade, foram percebendo que a universidade teria que se atualizar para atender as exigências do mercado. Então tomaram ciência de que a universidade era um forte instrumento do poder constituído. Conheceram a existência de uma cumplicidade com o sistema em vigor, produzindo um saber a serviço da guerra, uma antropologia do controle, da barbarização e inferiorização de outros povos, um conhecimento a serviço da reprodução da sociedade de consumo, da hierarquia, das desigualdades sociais.

Depois de perceberem que não haveria empregos, perceberam que não queriam empregos. Recusaram os exames, o princípio da seleção, o ritual de preparação e de iniciação naquela sociedade, no mundo da vida burguesa, medíocre, reprimida, opressiva.

Descobriram então que se tratava de uma luta que se travava por conta de uma inadaptação humana à modernidade e não de uma inadaptação da universidade a ela; que se travava uma luta por outras relações sociais e não por melhores condições para se reproduzir compulsoriamente na sociedade.

Assim, os estudantes, transferindo-se de um plano universitário para o plano político, organizaram

a “Grande Recusa”, elaborando um plano de idéias pautadas na desobediência civil, na negação das hierarquias, na negação do poder, da disciplina partidária, das lideranças, de todas as formas de enquadramento do indivíduo numa totalidade. Não queriam eles, os estudantes, tomar o poder, queriam criar situações, criar possibilidades que escapassem do autoritarismo do poder capitalista, da esquerda eleitoralista, da guerrilha disciplinadora, porque estavam decepcionados com a própria esquerda, que, para eles, se pautavam num socialismo baseado nas relações de mando e desmando.

Inscrições que irrompiam pelos muros da cidade conferiram um novo sentido para a rua. O que houve

foi uma grande libertação da palavra na rua, uma resignificação da mesma. A cidade sendo territorializada como um espaço coletivo, sendo retomada pela poesia, pelos grafites comunicantes, o anonimato participante gritando nos muros, pelas barricadas, símbolo revolucionário e histórico.

As barricadas poderiam ser desde amontoados de carros, grades, bancos até mesmo paralelepípedo. Eram os objetos retirados de sua funcionalidade, objetos recolocados no espaço, rompendo com a lógica da circulação, coração do capitalismo, formando uma barreira que não deixava passar, tornando a cidade um terreno de luta social, pelo resgate da presença comunitária nas ruas.

A cidade sendo inaugurada dentro do culto do impossível, como palco de um movimento que nasceu e sobreviveu na surpresa, na espontaneidade criadora das massas, na explosão do coletivo em busca da entrega total aos desejos e às vontades, da transformação verdadeira da vida.

Assumiram uma dimensão lúdica, na qual a arte toma o lugar da política, com flores sendo lançadas contra a polícia, pessoas exibindo o púbis contra o general exibindo a medalha conquistada na guerra do Vietnã, a orgasmoterapia contra a castração psíquica e a miséria sexual.

Com da Sorbonne ocupada, teve-se o exemplo de um mundo mais vivível, menos insensato, um

mundo pela verdade triunfante do desejo, o exemplo de uma luta para a vida: euforia e entusiasmo dos estudantes. Todos aprendiam em dias, aquilo que se aprende em meses, um piano instalado no jardim, cinco mil pessoas conversando e pensando juntas.

A universidade ocupada, fábricas sendo igualmente ocupadas. A coragem de parar de estudar, a coragem de parar de trabalhar para discutir, pensar no tempo presente, viver e pensar a história presente. A coragem de sair às ruas e ao sol para uma quente manhã de maio, de cerveja, de sanduíche, no horário do expediente. Nenhum ônibus, nenhum carro à vista, a rua pertencendo a dez milhões de manifestantes.

Os trabalhadores estavam em greve, de início não sabiam por que, mas desejavam parar de trabalhar, lideranças sindicais estavam na vanguarda, o partido comunista queria se eleger com o apoio dos operários, por isso, trotskistas e sindicalistas vigiavam os portões das fábricas, não deixando os estudantes passarem.

Os estudantes por quererem mudar o modo de existência da sociedade, eram chamados de aventureiros e provocadores pelos sindicalistas, porque estes queriam negociar com os patrões, melhores condições de salário, jornada de trabalho mais curta, aposentadoria... E assim, os trabalhadores, mediados pelos sindicatos e partidos

comunistas, se revelaram os últimos guardiões da ordem estabelecida, pois queriam ao menos ser incluídos na civilização material.

De qualquer modo, o Maio de 1968 foi um movimento que surgiu da abundância, sendo protagonizado pela juventude da classe mais próspera, num período prosperidade econômica e de realização do mercado comum industrial. Desmistificou a idéia de que somente a miséria material justifica a revolta. Encontrou uma brecha histórica para contestar a imponência da estrutura social. Inaugurou o culto do impossível.

Um pouco mais de História...

Dom Pedro II e seu contexto

- SCHWARTZ, Lilia M., *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Cecília Helena L. de Salles. *A Independência e a construção do Império*. São Paulo: Atual, 1995.

Juventude Hitlerista

Filme “A Onda” (2008)



Dirigido por Denis Gansel, *A Onda* conta a história de Rainer Wegner, professor que deve ensinar seus alunos sobre autocracia. Devido ao notável desinteresse por parte dos jovens propõe um

experimento que explique na prática os mecanismos do fascismo e do poder. Wegner é escolhido como líder daquele grupo, adotando os lemas “disciplina é poder” e “ação é poder” para incentivar os alunos e seus atos. Ao grupo formado pelos alunos é dado o nome "A Onda". Em pouco tempo os alunos começam a propagar o poder da unidade e ameaçar os outros, interferindo no cotidiano da escola e marcando seu símbolo por toda a cidade, com o intuito de espalhar pelo mundo os ideais d' A Onda. Quando o jogo fica sério, Wegner decide interrompê-lo. Mas é tarde demais, e "A Onda" já saiu de seu controle. O filme é baseado em uma história real ocorrida na Califórnia em 1967.

Por meio da análise fílmica pode-se fazer uma comparação entre os elementos retratados em *A Onda* e o que fora relatado sobre a Juventude Hitlerista no conto. Primeiramente, salienta-se que o filme tem por cenário a escola e dessa maneira permite imediata identificação por parte dos alunos, o que facilita a estipulação de critérios comparativos como a disciplinarização do corpo e a noção de autoridade, por exemplo. E, por fim, um possível ponto de equivalência seria a importância dada à união entre os integrantes do grupo, padronizando-os, exaurindo suas individualidades, indo de encontro, portanto, com a realidade da Juventude Hitlerista.

Documentário “As máquinas da segunda guerra mundial” (2009)

Uma possibilidade de entrar em contato com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial por meio de imagens que relatam ações americanas e nazistas. Como cada um treinava seus soldados para agir no front. No que se refere à Juventude Hitlerista o destaque é para o episódio *A Força Jovem Nazista*, em que são apresentados relatos da participação dos jovens em cada fase da guerra.

- Discurso de Adolf Hitler direcionado a Juventude Hitlerista:

<http://www.youtube.com/watch?v=IAi7UnXp9Aw>

- Hino da Juventude Hitlerista:

<http://www.youtube.com/watch?v=wZEACD5fSyY>

Maio de 1968

- MATOS, Olgaria C. F., *Paris 1968: As barricadas do Desejo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.
- VINICIUS, Leo, *Paris: Maio de 68/Solidarity*. São Paulo: Conrad Editora Brasil. [tradução], Coleção Baderna, 2008.